

## SISTEMAS AGROFLORESTAIS, GENTES E MODOS DE VIDA: UMA CARTOGRAFIA DAS (RE) EXISTÊNCIAS DE FAMÍLIAS AGRICULTORAS NA SERRA DOS TAPES/RS

CAROLINE ZALAMENA<sup>1</sup>; LÚCIO ANDRÉ DE OLIVEIRA FERNANDES<sup>2</sup>; JOSÉ PEDRO SPIES NOLIBOS<sup>3</sup>;

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas 1 – [zalamena.carol@gmail.com](mailto:zalamena.carol@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas 2 – [laofernandes@gmail.com](mailto:laofernandes@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas 3 – [jpnolibos@gmail.com](mailto:jpnolibos@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

A Serra dos Tapes está localizada na unidade geomorfológica do Escudo Cristalino Sul-rio-grandense, considerada a mais antiga do estado do Rio Grande do Sul (RS), e o nome se dá a partir do processo histórico de ocupação pelos indígenas Tapes (SALOMANI; WASKIEVICZ, 2013). Esta região tem em seu processo histórico a instalação de quilombos e colônias de imigrantes, com uma agricultura marcada pela produção agrícola semiespecializada, que passou por diversas transformações ao longo do tempo (SALOMANI; WASKIEVICZ, 2013).

A área rural da Serra dos Tapes é constituída por pequenas e médias propriedades e, não obstante, a expansão do capitalismo agrário também alcançou este território, passando por um processo de industrialização que pressionou os modos de cultivos dos agroecossistemas, através da subordinação de produtores pela venda da safra em troca de insumos externos (SALOMANI; WASKIEVICZ, 2013; HENZEL; DE SOUZA et al, 2021).

Apesar deste contexto da região, e da grande representatividade econômica da fruticultura, além de ser marcada também pelo tabaco e leite, nas últimas décadas é possível observar algumas transformações em direção a agriculturas de base ecológica, e tem datado em 2010 o início da implantação de Sistemas Agroflorestais por famílias agricultoras na região (HENZEL; DE SOUZA et al, 2021).

Os Sistemas Agroflorestais (SAF), nesse sentido, são uma forma de agricultura que visa a diversidade, a partir da integração de várias espécies de plantas e animais no espaço-tempo, que busca reproduzir a lógica de uma floresta natural. Estando conectado à Agroecologia, aqui entendida como ciência, prática e movimento (WEZEL et al., 2009; STEENBOCK, 2021). O interesse das agricultoras e agricultores da região pelos SAF ocorre por diversos fatores ligados às questões sociais-ambientais-econômicas, entretanto análises revelam que estes sistemas (SAF), em suma, fazem parte de apenas uma parcela do agroecossistema, para fins de conciliação entre produção para autoconsumo e recuperação do solo (HENZEL; DE SOUZA et al., 2021).

Apesar disso, muitos estudos são voltados para as questões mercantis e o impacto econômico, no sentido de monetização dos processos produtivos no meio rural, gerando uma carência de pesquisas nas ciências agrárias que leve em consideração fluxos outros que não giram em torno das trocas mercantis. Indo ainda além, também vale destacar a invisibilidade sobre os atores envolvidos nesses processos de transformação das paisagens, culturas e agriculturas, onde suas percepções e sentimentos são pouco valorizados e/ou ainda revelados em artigos científicos.

Neste breve trabalho, pretende-se apresentar algumas perspectivas sobre o impacto dos Sistemas Agroflorestais (SAF). Vai-se além das questões econômicas, explorando principalmente os aspectos sociais, ambientais e subjetivos.

Estabelece-se uma ligação com a importância da co-evolução entre gentes e florestas e dos processos de formação de subjetividades, que se modificam e influenciam nesses espaços. O objetivo é contribuir para os estudos relacionados ao desenvolvimento territorial e à criação de conhecimento, com foco na valoração e promoção da Agroecologia nos territórios.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho tem como processo construtivo, a partir do Método Cartográfico que surge a partir dos filósofos Deleuze e Guattari (1995). Sendo uma metodologia processual e implicada, que prevê a intervenção na realidade, bem como a sensibilização da pesquisadora e abertura para as afetações a partir das relações no campo de pesquisa e dos agentes envolvidos, sejam humanos ou não humanos (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009; ROLNIK, 2014).

Para expressar e criar sentido a tudo que pede passagem, se utiliza das diversas fontes de pesquisa, seja a partir de livros, artigos, entrevistas, rodas de conversa e a própria vivência e experimentação nos territórios (DELEUZE; GUATTARI, 1995; ROLNIK, 2014). Nesse sentido, aqui vale destacar a participação de entrevistas semiestruturadas e reuniões juntamente com o grupo ECOSAF-SE e de mutirões com o Grupo de Agroecologia GAE/UFPEL nas propriedades de famílias agricultoras na região da Serra dos Tapes, que permitiram encontros e experiências com gentes e florestas. Onde neste trabalho serão levados em consideração dois agroecossistemas localizados na Serra dos Tapes - RS.

A escolha desta metodologia ocorre a partir da necessidade de compreender a criação de conhecimento juntamente a natureza e dos indivíduos que operam nos espaços, bem como da produção das subjetividades a partir dos processos históricos e de intervenções de forças externas dominantes que influenciam nas dinâmicas locais. A cartografia, possibilita analisar os territórios como sistemas vivos, a partir de uma perspectiva da realidade enquanto processo de criação constante. Por isso, também se assume como uma estratégia política na pesquisa científica, a partir da reivindicação de metodologias que reconheçam a complexidade da realidade através da integração entre sujeito-objeto (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, 2009).

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir das vivências juntamente as agricultoras e agricultores da Serra dos Tapes, através dos grupos ECOSAF-SE e GAE foi possível identificar algumas motivações que levam a adoção dos SAF nos agroecossistemas. Os Sistemas Agroflorestais, neste sentido, surgem como uma alternativa ao modo de produção convencional e especializado, que objetiva a diversificação da produção, recuperação e conservação ambiental, produção de alimento de qualidade, promovendo a resiliência dos sistemas e que na região da Serra dos Tapes também foi e é estimulado juntamente com a Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), ao Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) – Clima Temperado, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (Emater-RS).

Traçar uma linha do tempo sobre a trajetória destes espaços foi inerente ao processo de entendimento e de diálogo sobre a forma de vida local. Evidenciando o processo de transição agroecológica das agricultoras e agricultores, através da

transformação das práticas agrícolas que conciliam a qualidade de vida, promovendo atividades que visem a saúde do solo, das plantas, dos animais e assim, do sistema como um todo (PRIMAVESI, 2016). Tendo em vista que esses agroecossistemas se encontravam degradados antes do processo de transição.

O território Serra dos Tapes, historicamente é marcado pela produção de policultivo, entretanto, na década de 1960, a partir da ascensão da industrialização na região, pressionou a agricultura familiar para a especialização ou semiespecialização da agricultura, a partir dos moldes das práticas e manejos convencionais (SALOMANI; WASKIEVICZ, 2013).

Essa expansão do capitalismo na agricultura se expressa a partir de vários problemas, como a deriva de agrotóxicos, a incapacidade de competir com as grandes indústrias, casos de intoxicação, e psicopatologias também relacionadas aos endividamentos pelas relações econômicas impostas pela indústria e pelo mercado. Problemas esses, que ainda culminam em outros, como o êxodo rural e a saída de jovens do campo, gerando um envelhecimento das comunidades rurais.

No entanto, o que chama atenção e atravessa a cartógrafa durante este percurso, foi como estas pessoas falavam e expressavam sobre a experiência de agrofloresteira e agrofloresteiro agroecológicos, lembrando dos tempos da infância que contam que seus pais plantavam assim “de tudo e tudo misturado”. Esse resgate da história parece gerar essa conexão com o território, a partir da memória e do sentir-se pertencente ao espaço. E indo além, ao expandir para um olhar sistêmico do ambiente e das complexas interações dos fluxos de matéria e energia que acontecem constantemente entre seres e elementos, e das organizações e reorganizações através do espaço-tempo.

Essa dobra que ocorre na produção das subjetividades alterando seus desejos, que resulta nessa transformação de si e do entorno, é o que nos interessa aqui. Em outras palavras, o que se observa é a mutualidade nos processos de transformação, que são intensificados pelo aumento da diversidade de espécies, influenciando também em uma diversidade de afetações, pelos cheiros, sabores, cores e cantos. Muitos relatos sobre trabalhar na sombra, de comer comida de qualidade, de depender menos do supermercado para suprir a alimentação, de que cuidar da natureza é também cuidar de si.

As transformações na paisagem, geram automaticamente transformações nos atores envolvidos e das novas dinâmicas de funcionamento do sistema, onde as organizações em redes são destacadas, e se tornam a mola propulsora na construção destes espaços, através da coletividade, dos mutirões entre agricultores, estudantes, professores, pesquisadores e extensionistas, nutrindo a cooperação, a troca de saberes e fazeres, fortalecendo os laços entres diversos agentes, que se transcreve nesse caminhar pelo cuidado e amor.

As interações entre gentes e florestas, produzem uma valoração das relações e dos fluxos que promovam a mutualidade, baseada numa ética que se faz a cada encontro com cada ser. O agroecossistema, não só como unidade produtiva, mas como a casa de muitos seres, sistemas vivos em co-evolução. Em conversas também é destacado sobre os conhecimentos gerados na realidade de cada local, e que sua reprodução em outros sistemas não terá os mesmos resultados. Demonstrando a importância do diálogo com a natureza em cada localidade, para a superação dos desafios que surgem.

Diante disso, pensar tanto em desenvolvimento territorial, como também a criação de conhecimento, requer atenção sobretudo aos indivíduos envolvidos e seus modos de vida, bem como seus processos produtivos e reprodutivos no espaço-tempo dos agroecossistemas, levando em consideração as valorações e

afetações que criam potencialidades de permanência e de garantia de terra e território, e que promovem a soberania alimentar. Levando a olhares sobre o rural e a agricultura para além dos fluxos monetizados. Mas sim sobre fluxos de reprodução da vida nesses territórios. E que aqui se entrelaçam a Agroecologia e aos Sistemas Agroflorestais.

#### 4. CONCLUSÕES

Nessa trama, a Agroecologia juntamente com os Sistemas Agroflorestais, atravessam estes atores, para além dos aspectos produtivistas-mercantis, mas se expressando em potencial na dimensão relacional e subjetiva que valoriza a cooperação, mutualidade e resiliência. Para isso, ao colocar os indivíduos e suas realidades no centro do processo de desenvolvimento e a importância do entendimento das relações a partir de uma perspectiva sistêmica, das afetações e reações produzidas. Isto é, desenvolver um território é sobretudo pensar nos indivíduos que ali habitam, e quais são seus interesses e valores e as razões, que levam a determinados modos de vida. Para assim, podermos enquanto comunidade científica contribuir no entendimento dos processos de produção da realidade, portanto, das agriculturas, das florestas e das gentes.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G; GUATTARI, F. **Mil platôs. vol. 1.** Editora 34, 1995. 127p.

HENZEL, A., B., D.; DE SOUZA, E., et al. Vozes Rurais: a racionalidade nos Sistemas Agroflorestais do Sul do Brasil. **Revista IDEAS** - Rio de Janeiro - RJ. v 15. 2021. p 1-22.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Org.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa Intervenção e Produção de Subjetividade.** Porto Alegre: Sulina, 2009. 207p.

PRIMAVESI, A. **Manual do Solo Vivo: solo sadio, planta sadia, ser humano sadio.** 2ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2016. 205p.

ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo.** 2ª edição, Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014. 247p.

SALAMONI, G.; WASKIEVICZ, C. A. Serra dos Tapes: espaço, sociedade e natureza. Tesis: **Revista de Antropologia e Arqueologia**, v1, n. 1, p. 73-100, 2013.

STEENBOCK, W. **A Arte de Guardar o Sol: padrões da natureza na reconexão entre florestas, cultivos e gentes.** Rio de Janeiro: Bambual Editora, 2021. 207p.

WEZEL, A. et al. Agroecology as a science, a movement and a practice. A review. **Agronomy for Sustainable Development** 29: 503–515, 2009.